

The fresh ink marks whom by carelessness or curiosity touch's it. In the documentary analysed we are able to see that in public places or private ones, walls when painted, work as any other kind of support to express something (expression). Interviewing already known artists by the media and people that feel or don't feel as such, the movie shows wich and how the painted artistics expressions are seen, beyond what estabellish the construction of this looks.

Keywords: Tinta Fresca, public art, popular art.

abstract

Pinta tua aldeia e serás universal - resenha do documentário Tinta Fresca

Jordana
FALCÃO

resumo

A tinta fresca marca quem por descuido ou curiosidade a toca. No documentário analisado vê-se que, seja em locais públicos ou espaços privados, muros e paredes quando pintados funcionam como qualquer outro suporte para a expressão. Entrevistando artistas já reconhecidos pela mídia e pessoas que se sentem ou não como tal, o filme vai mostrando quais e como manifestações plásticas pintadas são vistas, além do que alicerça a construção desses olhares.

Palavras-chave: Tinta Fresca, arte pública, arte popular.

Pinta tua aldeia e serás universal

É a fala do escritor russo Leon Tolstói que deixa reticente as discussões a que Tinta Fresca dá início sem pretensão de apontar conclusão. A frase “pinta tua aldeia e serás universal” citada então pelo pernambucano, Seu Juca, reitera as opiniões diversas, porém convergentes, sobre o importante papel



Figura 1 - “Seu” Juca – pinta placas em Recife.

da imagem como meio de expressão. Reunindo especialistas e ditos leigos, o documentário apresenta novos olhares e propõe desconstruções ao que tendemos a classificar entre as categorias de artista, crítico, grafiteiro, pichador, colorista, letrista, pintor etc.

Uma das questões mais presentes do filme diz respeito mesmo ao que é capaz de conferir a algo o status de obra de arte. Muros decorados com grafite, adesivos em paredes intervindo no fluxo de pedestre ou placas com provérbios populares compõem objetos de arte? Até mesmo quem os produz têm opiniões divididas diante dessa pergunta. Mas ao se deparar com um muro estampando um grande letreiro de propaganda dentro do museu, poucos discordariam em afirmar tal objeto como arte.

A verdade é como explica Marepe, artista baiano responsável pelo muro em questão apresentado na XXV Bienal de São Paulo, esse muro não é feito de tijolos e cimento, mas sim de sua memória e sentimentos, do trabalho dos homens que o ergueram, da história de quem vendeu o material, do pintor que inseriu o letreiro comercial e tudo o mais que vai se sobrepondo e se multiplicando nas significações pessoais que cada um é capaz de atribuir a ele. Da mesma forma, as manifestações que nos são apresentadas pelo filme não são estáticas, mas dinâmicas nas inúmeras denotações a que estão abertas a partir de subjetivos pontos de vistas.

Por meio de um grande apanhado de expressões plásticas em ruas, galerias e outros pontos de quatro estados brasileiros, o que vemos é que a necessidade de expressar-se é maior a

impossibilidade de delimitar o espaço da arte e a imprecisão do conceito de obra de arte. Seja na fachada das casas do sertão pernambucano, em monumentos públicos gaúchos, num bar de beira de estrada carioca ou bicicletas de ambulantes paulistas, cores, formas ou palavras atraem o olhar de quem vê e registram a passagem daquele que as usam.

Marcar a existência de um artista ou produtor. Essa é opinião unânime entre os convidados do filme quando falam sobre a hipotética função dessas manifestações. Seja para protestar ou celebrar, adornar ou tornar público, criar imagens, mesmo em forma de letras, é sempre uma maneira de manifestar criatividade, de se diferenciar e se sentir vivo. Siron Franco, artista goiano, faz questão de ressaltar isso em sua participação. Ele mostra sua exposição *Carandiru*, realizada em 2002 dentro da casa de detenção desativada, como uma prova de que a necessidade de falar, de expressar-se por meio da imagem existe mesmo em ambientes hostis, como na aridez de uma prisão.

Marcio Kboco, grafiteiro, afirma que fazer da imagem uma forma de comunicação intuitiva remete a rituais xamânicos. Já Emmanuel Nassar, artista plástico, lembra que ao pintar nas cavernas, os homens pré-históricos representavam seus desejos e experiências. Os dois, de uma forma ou outra, se referem à construção de uma linguagem para além dos idiomas e dos pré-conceitos, mas uma linguagem própria para expressar o inconsciente e dialogar em silêncio.

Mas a tinta fresca não forma só imagens, escreve também palavras. Se a intenção primeira é firmar uma identidade na paisagem, por que não usar vocábulos? E é pintando poesias na parede que o artista Artur Barrio tenta interferir no sistema quando de sua participação da IV Bienal do Mercosul em Porto Alegre. Buscando destaque através da

mídia, o grafiteiro Anêmico também espalha seu nome pelas ruas e prédios abandonados de Recife. No outro extremo, há aqueles que protegidos pelo anonimato pintam em banheiros públicos xingamentos, vontades reprimidas ou palavras co-



Figura 2 - Obra do artista Marepe na XXV Bienal de São Paulo.

mun. Vale todo espaço, qualquer cor e cada palavra para tentar ser visto/lido.

Sempre tentando permanecer neutro, Tinta Fresca mostra que o antagonismo entre erudito e popular, arte primitivista e contemporânea, por exemplo, se existe, é mera convenção. Um boteco serve de moldura para quadros compostos apenas por massas uniformes de tinta como tanta propriedade quanto uma como uma galeria que abriga um muro pintado. Mais importante que classificar algo como obra ou alguém como artista é perceber a pluralidade de leituras possíveis a partir de uma mesma forma de expressão. Toda visualidade dialoga com o expectador que carrega em si uma bagagem composta por valores, experiências e gostos que direcionam seu olhar. E todos que se expressam o fazem pelo prazer ou pela necessidade de mostrar ao outro seu olhar sobre o mundo. Dividido em onze partes, Tinta Fresca arrecada explicações e justificativas sobre esse “mal de que sofre todo o mundo que é o de se comunicar”. Na lista dessas possibilidades cabem idéias como dom, protesto, loucura, desocupação, prazer, ousadia, vandalismo e tantas outras. Produtores de informação e de idéias, como jornalista, fotógrafos, artistas e grafiteiros, dão sua opinião acerca de formas de expressão que o filme mostra, sejam formais ou não. Mas principalmente pessoas comuns, que normalmente não convivem com as manifestações ditas artísticas, revelam aqui seus sentimentos e sua relação com as expressões visuais que as cercam.

Entre os que aceitaram a difícil proposta de tentar verbalizar o s sentidos da imagem estão colocados lado a lado os Gê-



Figura 3 - A dupla Os Gêmeos junto ao muro grafitado durante a realização do filme.

meos, Otto, Alceu Valença, Carlos Heitor Cony, Fábio Faisal, Seu Cicho, Luíza Gomes, Severino da Silva, Aurelino dos Santos, Marta de Jesus, MC Zig Dauto, mais uns famosos, outros nem tanto e ainda alguns que preferem a total discrição.

Tinta Fresca foi lançado em 2005. Ano em que foi eleito o melhor média metragem na 29ª Mostra de Cinema de São Paulo. Também foi exibido no Canal Brasil, Itaú Cultural e no festival É Tudo Verdade, entre outros. Nos seus 53 minutos de duração, faz uma viagem que passa por cidades grandes ou nem tanto do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco. O clima é de descontração durante os encontros, os participantes não seguem um roteiro de perguntas e respostas, além de serem por vezes apresentados por colegas de ofício, vizinhos ou conhecedores do seu trabalho. Captando opiniões e curiosidade em DV-CAM, a câmera permanece na mão quase o tempo todo e segue os convidados por seus habitats naturais. Como pano de fundo, músicas que se ouviria visitando rotineiramente cada uma das localidades.

A direção do documentário, realizado em co-produção pela Movi&Art e TempoDesign, leva as assinaturas de Ricardo van Steen e Paula Alzugaray. Ele, nascido em 1958, é paulista, fotógrafo, cineasta, artista gráfico, diretor de arte e diretor de cinema publicitário. Ganhou o prêmio de Melhor Fotografia no Festival de Gramado pelo curta *Com que Roupa?* (1997) e dirigiu também o longa de ficção *Poeta da Vila* (2005). Ela, também paulista, nascida em 1966, é graduada em Artes Plásticas na Fundação Armando Alvares Penteado, especialista em História da Arte pela Escuela Superior de Arquitectura de Catalunya e mestre em Comunicação e Estética do Audiovisual, na Escola de Comunicação e Artes – USP. Trabalha em diversas revistas e publicações voltadas para cultura e entretenimento, atua ainda como crítica de arte e curadora independente.

Jordana Falcão

Discente do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual – Mestrado FAV/UFG. Graduada em Publicidade e Propaganda na Universidade de Fortaleza em 2003 e Especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará.

E-mail: jordanafalcao@yahoo.com.br